

APRESENTAÇÃO

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2025v84p3-5>



As artes da cura e as técnicas de prevenção e tratamento das doenças acompanham a história humana desde os seus primórdios. Cuidado amplamente partilhado entre diferentes culturas e experiência essencial para a garantia da sobrevivência, a saúde tem despertado interesse crescente entre os historiadores — ainda que suas fronteiras sejam amplas e, por vezes, imprecisas. Isso porque o conceito de saúde abrange uma vasta gama de práticas e experiências cotidianas que vão do esporte às terapias voltadas ao bem-estar corporal, passando pelos tratamentos hospitalares, incluindo diagnósticos, exames e tratamentos. Saúde também se afirma como um problema essencial às políticas públicas, o centro das discussões sobre higiene, um tema essencial à alimentação e ao saneamento básico.

Historicamente, as narrativas que influenciaram uma versão memorialística do acolhimento humano pelo médico desde tempos imemoriais, nascem, na verdade, entre os séculos XVIII-XIX e se fundamentam paulatinamente no corpo pessoal, não só como o lócus da dor, mas como o elo comum entre os que sofrem, os que os ajudam e o objeto do discurso científico pelo qual se organizam as ligações causais entre um infortúnio, uma vítima e um benfeitor. Como a morte e a vida eram terrenos de difícil acesso discursivo e prático àqueles que tinham na sua profissão a dupla incumbência, de prover a vida e determinar a morte, esse é um momento em que a precisão narrativa dos trabalhos médicos publicados – como as autópsias e as obras epidemiológicas –, se aproximam ainda de um romance.

A ideia de aforisma, tributária de Hipócrates, ganha um espaço linguístico mais amplo, numa tentativa de se formularem juízos sobre o homem e a sociedade a partir de sintomas e indícios, que, ao romper com o sobrenatural, legou à conformação do mundo ocidental o corpo, a linguagem

e a própria história, todos submetidos a uma investigação dos sintomas como forma de se conhecerem as doenças e, por meio delas, os modos de o homem estar no mundo. Veicula-se a dimensão humana da doença e da morte a um saber composto sobre as bases mecanicistas e empiricistas que envolviam teorias e práticas - como nas descrições sistemáticas e cuidadosas de um médico social como Virchow.

Concebido, entre os séculos XIX e XX, como um período de profundo rompimento com as tradições da modernidade, essa busca dos tesouros deixados entre as névoas de um passado rompido converteu para que suas instituições legitimadoras – como a médica – empreendessem a invenção de suas tradições, na feliz formulação de Eric Hobsbawm, consistindo em adaptações institucionais, em velhos costumes sob novas condições, com a intenção de formular novos fins adaptando ou criando linguagens específicas. Contribuições relevantes quando encontramos a medicina sob a ótica humanística, pela natureza daquele que narra e é narrado, apontando a vívida atividade de profissionais e aspirantes de um saber que se quer tão essencialmente técnico, mas se encontra em todo o seu percurso histórico, inclusive o atual, como infinito e originalmente humanizado.

Desse modo, mesmo sob a pressão do rigor e da ciência, provas e indícios permaneceram qualificando humanitariamente a doença e o corpo, mas, no limite, não o próprio humano ali existente, posto que reconcebido muito mais como uma máquina-racializada, um corpo-máquina a ser reparado para um certo mundo e um certo modo de vida capitalistas. Ou seja, a medicalização da vida não cessa de ampliar a sua esfera de influência, imprimindo novos modos de governar as populações e os territórios. As tentativas científicas para evitar a propagação de doenças infecciosas com potencial epidêmico, o advento das vacinas e o surgimento das primeiras conferências sanitárias internacionais, são apenas alguns exemplos do quanto as preocupações com a saúde aliada à presença da medicina marcaram o destino das sociedades contemporâneas.

O corpo ganha representação atualizada, respaldada numa ‘imagem’, ganhando contornos com um viver social cada vez mais vinculado à concepção de saúde calcado naquilo que se pode ver, o que corresponde a uma sociedade visual e consumidora da própria imagem, hierarquizando não apenas o acesso aos bens que permitem construí-la, mas sobretudo impondo

um padrão normativo de saúde. Daí derivam o que se chamará “estilo de vida” e, por fim, a própria chance de vida. Por esse raciocínio, é a estética, mais que a racionalidade médica e seus modelos (normalidade/patologia ou vitalidade/energia), o critério sociocultural vigente de ajustamento dos indivíduos para determinar se realmente são “saudáveis” ou se precisam fazer alguma “atividade de saúde”, de acordo com padrões austeros de forma física.

Fenômeno esse que se manifesta, igualmente, como uma forma de resistência passiva à organização do trabalho, à injustiça à desigualdade e ao racismo; um efeito da desorganização das experiências do viver, da insegurança e da pressão que o cotidiano exerce. Exemplarmente, Charles Rosenberg ao tratar das epidemias como fenômeno social, dirá que ela mobiliza comunidades ao revelar comportamentos que incorporam e reafirmam valores e modos de compreender o evento. Seu caráter público e sua intensidade dramática fazem das epidemias relações entre ideologia, estrutura social e construção de respostas ao fenômeno.

As pesquisas reunidas neste volume da Projeto História comprovam a relevância desse campo temático, assim como a sua abrangência. Nele, os artigos contemplam não apenas diferentes regiões do Brasil mas, também, as práticas médicas e de saúde em outros países, em épocas e contextos culturais distintos, valorizando aspectos históricos em que o social rompa os estreitos limites explicativos nos quais até então estava confinado para ser percebido como um campo estruturado no interior do qual se desenrola o processo saúde-enfermidade. Por entre os estudos aqui elencados, a leitura possível desses mundos e contextos nos permite avançar não apenas sobre os métodos de análise, mas sobretudo, em formas de ações e práticas. Uma reflexão histórica sobre uma percepção mais alargada da produção da saúde, da doença e da vida.

Excelente leitura!

André Mota

Professor Associado do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP)

Denise B. de Sant’Anna
Professora livre docente da PUC-SP